

estamos todos presos. estamos?¹

edson passetti & acácio augusto

Abertura

Gus:

“... falo da responsabilidade do poeta, esse irresponsável por direito próprio, esse anarquista apaixonado por uma ordem solar e jamais pela nova ordem, ou o slogan que faz 5 ou 700 milhões de homens marcarem passo numa paródia de ordem; falo de uma coisa que vai contrariar profundamente os comissários... Todo comissário está pronto para ver no poeta o maricas ou o cocainômano ou o irresponsável de turno; e o mais espantoso é que certa vez houve um comissário chamado Platão.”²

Vitor:

“Ao caminhar em meio aos julgadores, roupa
Cinza e gasta vestia;
Tinha um boné de críquete, e seu passo lépido
E alegre parecia;
Mas nunca em minha vida vi alguém olhar
Tão angustiado o dia.”³

Edson Passetti é professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol. Contato: passetti@matrix.com.br Acácio Augusto é professor no Departamento de Relações Internacionais UNIFESP e pesquisador no Nu-Sol. Contato: acacioaugusto1980@gmail.com.

estamos todos presos. estamos?

Flávia:

“Quando Ismália enlouqueceu,
 Pôs-se na torre a sonhar...
 Viu uma lua no céu,
 Viu outra lua no mar.
 No sonho em que se perdeu,
 Banhou-se toda em luar...
 Queria subir ao céu,
 Queria descer ao mar...
 E, no desvario seu,
 Na torre pôs-se a cantar...
 Estava perto do céu,
 Estava longe do mar...
 E como um anjo pendeu
 As asas para voar...
 Queria a lua do céu,
 Queria a lua do mar...
 As asas que Deus lhe deu
 Ruflaram de par em par...
 Sua alma subiu ao céu,
 Seu corpo desceu ao mar...”⁴

Vitor:

“Como pode a revolução significar a sujeição de alguém, como pode a liberdade significar o domínio sobre o ex-rei da parte dos súditos? Tais relações são demasiado tristes para o novo mundo. Após a revolução nada mais de punição. Mas estamos falando de uma transformação no espírito, no ânimo. A economia é o córtex, a política é a epiderme.”⁵

Acácio:

“Encontrei o Rafa. Está totalmente convencido de que é um cara impecável. Faz ginástica todas as manhãs e tira dez em todas as matérias. Demos uma passada na casa do professor Jiménez. Logo se pôs a ler para nós trechos de Ortega y Gasset, tem todos os livros amarelos numa estante à parte, como se pensasse que estes livros de um jornalista espanhol bastassem para ser um homem bem informado. Eu lhe disse que sou anarquista. Ele sorriu com o seu sorriso canalha de sujeito que sabe tudo.”⁶

Cena 1. Na Cela

Ricardo:

Merda. Tá olhando o quê?

Gus:

O que 'tá acontecendo aí?

Vitor:

Problema seu!

Ricardo:

O que você 'tá agitando aí? Acabou de chegar e quer o quê? Cabeça baixa! Preciso dizer quem manda? Escuta bem o que vou dizer.

Vitor:

Vai bancar o pastor, agora? Não preciso disso, logo 'tô fora daqui.

Ricardo:

Você pode até sair rapidinho, mas não vai esquecer jamais que se “para os que vivem em liberdade, a visão é o sentido mais importante, para nós, é a audição.”

Gus:

Você vai sempre lembrar: a “porta que range, o assovio do amigo, o pigarro combinado, vozes ao longe, passos num corredor...”, domingo na visita íntima, e rapidamente não vai esquecer, também, quanto tempo você tem pra “tomar providências. Quando o alarme vem pelos olhos é sinal de que a coisa está feia: o preso só vê quando foi visto primeiro.”⁷

Ricardo:

Porra, já deu errado com os irmãos no mundão e esse cara me enchendo o saco. Mas, rapidinho, ele aprende como funciona.

estamos todos presos. estamos?

Gus:

Esse aí ainda não entendeu que aqui ele começou um curso novo. Essa é outra faculdade.

Vitor:

Então, tem o pastor, e agora o professor...

Ricardo:

Falou demais. Liga o sistema que no banho de sol os irmãos vão explicar melhor pra ele. Aqui você vê, ouve e leva no couro. Não vai esquecer as lembranças na pele. Não se esqueça: “o importante de tudo é que ninguém nos deterá nessa luta porque a semente se espalhou por todos os sistemas penitenciários do Estado e conseguimos nos estruturar também do lado fora com muitos sacrifícios e muitas perdas irreparáveis...”

Gus:

... mas nos consolidamos a nível estadual e a médio e longo prazo nos consolidaremos a nível nacional...

Ricardo:

... Conhecemos a nossa força e a força de nossos inimigos. Poderosos, mas estamos preparados, unidos e um povo unido jamais será vencido. Liberdade, justiça e paz.”

Gus:

“Aquele que estiver em liberdade ‘bem estruturado’, mas esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, será condenado à morte sem perdão.”⁸

Ricardo:

Nós vamos mostrar para o governo como se pacifica a cadeia e a quebrada.

Cena 2. Um mendigo, Um habitante de rua

Acácio:

Não tenho história. A minha história é a mesma de qualquer outro morador de rua. Se ele soubesse que você ia aparecer, e se tivesse televisão pra gravar, ele era capaz até de pintar o cabelo. Do que você riu? Não vou fazer biografia, nem dizer o que eu fui, mas nós que aqui estamos não cabemos nem numa possível família, casa, rua, amigos que tivemos ou ainda temos. Não pergunte por quê. Não volto lá e pouco importa se vão me ver aqui. Não sou, não estou, sou o que não cabe em lugar nenhum. Sou o que vive na rua, o flagelo, o resto dos drogados, dos egressos, dos evadidos e de quaisquer outras palavras que caberão no seu formulário. Sou um refugiado da quebrada. Sou uma das poucas pessoas que andam livre e sem medo pelas ruas. Ando com o padre, ando com a peste.

Cena 3. O banqueiro, os terrorismos e os matadores

Gus:

Tenho um assunto grave para colocar para vocês. “Há uma barreira intelectual e social no Brasil: presídio não é assunto para uma roda social. O que as pessoas discutem é: mata ou não mata. Esse fosso entre a sociedade e o preso é extremamente perigoso. O sistema é reciclável. O criminoso vai e volta, vai e volta, e cada vez aumenta mais.”

Vitor:

Pra banqueiro nada é difícil... nem ficar um tempo na cadeia. Rapidinho adquire respeito. O banqueiro é o dono da grana, do faz-me rir, ‘tá de bem com o pastor, com pai de santo, com a organização e com os otários.

Gus:

“A maneira de se combater esse crime organizado não é (...) com a polícia, matando, prendendo — não é nada disso. Isso não resolve absolutamente nada. Só instiga o problema. Isso se resolve dando uma condição correta ao preso e à sua família. E como é que se dá essa condição correta?”

estamos todos presos. estamos?

Com uma palavra: trabalho. O preso tem que trabalhar e ganhar bem, tem que ser produtivo, para que se reedueque e entenda a função social da pena.”

Vitor:

Como o cara é bonzinho! Bom para os colegas dele, industriais, bom para a organização, bom para a prisão não acabar. É tão bom que até dá nojo de bom que é.

Gus:

“O crime organizado: o crime organizado nasce nos presídios onde tem depósito humano exatamente pela preocupação do preso em manter sua família viva aqui fora. Então eles organizam esquemas, uma forma de dar sustentabilidade à família. A organização acaba servindo os presos, aos seus familiares, dando proteção dentro e fora da cadeia.”⁹

Vitor:

Vai se foder! Pensa que a gente é jornalista de esquerda e acredita em lenda? Você sai, eu morro, a organização continua firme, minha família permanece em cana lá fora. ‘Tá olhando o quê, filho da puta!

Flávia:

“O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara, se mostra como tirania levada aos mais ínfimos detalhes...”

Lili:

... e, ao mesmo tempo, é puro, é inteiramente ‘justificado’,

Flávia:

... [e] pode inteiramente se formular no interior de uma moral que serve de adorno a seu exercício:

Lili:

Sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal, da ordem sobre a desordem.”¹⁰

Acácio:

Século XIX, últimas décadas: “Uma jovem geração, que não havia conhecido os atentados e não queria conhecer o sindicato, inquietava-se. Abandona as estereis polêmicas, recorda as origens da anarquia e o grito de Proudhon: ‘a propriedade é o roubo!’ Recorda Kropotkin: ‘Nossa ação deve ser a revolta permanente pela palavra, pela escrita, pelo punhal, o fuzil, a dinamite [...]. Tudo que não é a legalidade é bom para nós’. Se a indignação dos miseráveis explica-se pelo roubo permanentemente realizado pelos patrões, proprietários e burgueses, roubar a esses últimos constitui legítima defesa! E porque o roubo é reprimido pela lei, é ilegal, celebra-se o ilegalismo.”¹¹

Lili:

“Fazia meses que os serviços do governo o vigiavam, censuravam sua correspondência, monitoravam suas visitas e, de vez em quando, uma vez noturna o ameaçavam pelo telefone. Não se tratava de uma ameaça, na realidade ele mantinha com estas pérfidas vozes uma conversa filosófica e teórica sobre o sentido do dever civil e da responsabilidade moral.

Flávia:

Esses homens eram os novos intelectuais, os pensadores do futuro, qualquer argentino sabe que ao dissentir põe na própria vida uma marca que em algum momento do futuro pode ser invocada para persegui-lo e encerrá-lo. Os serviços tinham se transformado na versão policial do oráculo de Delfos, decidiam em segredo o futuro de populações inteiras. São as bruxas de Macbeth que agora controlam o poder!

Lili:

Suprimem tudo o que pode ameaçar a vida média e medíocre, atacam a diferença em todos os seus aspectos, controlam e ficham tudo, escrevem nossas biografias. O conformismo é a nova religião e eles são seus sacerdotes.

estamos todos presos. estamos?

Flávia:

Tinha chegado a um ponto em que discutia diretamente com o Estado, com os porta-vozes da *inteligência* do Estado. Diálogos de alta voltagem no fundo da noite, as vozes indo e vindo pelos circuitos e cabos. Eles o assediavam, o encurralavam, queriam transformá-lo num fora da lei psíquico. Sabem que eu sei, querem anular meu pensamento.”¹²

Gus:

Me classificaram terrorista e me enfiaram em uma cela de segurança máxima. Claudio Lavazzo, Espanha, final do século XX: “Não desejo justificar meus atos a esta sala, não me importo, de forma alguma, com sua opinião ou decisão, não quero nenhum tipo de trato com meus inimigos. Tampouco quero me justificar ante a opinião pública, a mesma que permite e olha com indiferença a miséria diária e a eliminação de milhares de pessoas, indignando-se com a morte dos policiais. Quando somos nós que disparamos, dizem que somos assassinos, e quando é a polícia que mata, ‘foi feita a justiça’.”¹³

Vitor:

Me classificaram terrorista e vão cortar minha cabeça na guilhotina. Émilie Henry, França, final do século XIX: “As minhas mãos estão cobertas de sangue, tal como sua toga! De resto, não tenho que lhe responder. Não reconheço a tua justiça; estou contente com o que fiz!... Ninguém é inocente!”¹⁴

Bia:

“Os *serial killers* matam réplicas, série de réplicas que se repetem e as quais é preciso eliminar, uma após outra, porque reaparecem inesperadas, perfeitas, em uma rua escura, no meio de uma praça abandonada, como miragens noturnas.”¹⁵

Flávia:

“A turma ou gangue de jovens que se diverte com o surdo-mudo do lugar, no bar da estação. Ficaram ameaçando o

sujeito com um revólver para fazê-lo reagir, ‘para ver como reagem’, e no fim o matam. ‘Deixam escapar um tiro’.”¹⁶

Ricardo:

“O arco se verga, a madeira geme. No auge da tensão, alçará voo, em linha reta, uma flecha mais inflexível e mais livre.”¹⁷

Cena 4. Dois casais na prisão.

Acácio:

“Um senso de completa indiferença se apossa de mim. Eu me estico no banco de madeira ao longo da parede da cela e caio imediatamente no sono. Acordo sentindo-me cansado e com calafrios. Tudo está quieto e escuro em volta de mim. A cela é sufocante e mofada; o ar sujo me dá náuseas. E agarro as grades. A sensação do ferro é tranquilizadora. Pressionada próxima à porta, minha boca na estreita abertura, eu tomo fôlego com rápidas e curtas inalações de ar. Eu estou quente, transpirando.”¹⁸

Bia:

Alexander, “fui à Filadélfia para pedir doações e ajudar a organizar o movimento para tirar você da prisão. Os jornais da tarde desvirtuaram meu discurso. Disseram que eu havia incitado a multidão à revolução. ‘Emma, a Vermelha possui uma grande oratória, sua língua mordaz era justamente o que o povinho precisava para destroçar Nova Iorque’. Também afirmavam que uns robustos amigos me tinham feito desaparecer, e a polícia seguia o meu rastro.”

Acácio:

“O silêncio cresce, melancólico, opressivo. Inunda-me com misteriosa reverência. O silêncio vive. Eu ouço sua respiração acelerando-se. Ah! É o guarda! É a vigília da morte?”¹⁹

Bia:

“Na segunda manhã depois de ser presa fui transferida para outra prisão. (...) No dia seguinte, a quietude se fez opressiva e as horas se arrastavam interminavelmente. Comecei a me

estamos todos presos. estamos?

sentir cansada pelo constante ir e vir da janela para a porta, da porta para a janela. Estava tensa pelo esforço em ouvir um som humano.”

Acácio:

“Meu ânimo natural é esmagado por uma apreensão inominável.”²⁰

Bia:

“Durante a noite tive uma forte dor de cabeça. A luz elétrica queimava meus olhos. Golpeei a porta. Exigi ver o doutor. Veio uma mulher, a doutora. Deu-me um medicamento e lhe pedi algo para leitura ou, ao menos, algo para costurar. No outra dia, me deram toalhas para cerzir. Costurei horas e horas, desesperadamente.”²¹

Lili:

...desesperadamente. “Tive forças para falar a Julian: ‘Estou com medo’. Julian respondeu: ‘Tenha coragem’. Aliás, eu sofro de ligeira claustrofobia e tenho certo medo de escuro, mas Julian acrescentou: ‘Eu te amo’, e o medo diminuiu’.”²²

Gus:

Ele, Alexander Berkman, anarquista, começo do século XX. Eu, Julian Beck, anarquista, final do século XX. “A Revolução Anarquista Não-Violenta é a mudança gerada pela produção e distribuição de tudo o que as pessoas precisam sem o uso de suborno coercitivo, violência ou trabalho rancoroso. Significa tentar viver junto, sem leis punitivas, cadeias, polícias, exércitos, e o controle exercido pelo dinheiro sobre o trabalho, a produção e o caráter humano.

Lili:

Não pode ser a mudança imposta por uma nova classe dominante. Os anarquistas acreditam que é possível alimentar a todos e resolver melhor todos os problemas da condição humana sem o incentivo do dinheiro, sem regras que sugerem que se você não trabalhar você não come, e

sem os padrões de vida impostos por sistemas políticos e econômicos.

Gus:

Os anarquistas acreditam que todos os homens podem fazer o trabalho que querem e podem viver juntos de maneira pacífica e criativa, pois a mente humana que inventou o intrincado sistema-de-produção-por-meio-da-exploração e a regulação do consumo-por-meio-do-desejo-e-da-super-produção irá inventar jeitos de alimentar todas as pessoas sem o uso da violência ou medidas coercitivas. Livre-se do sistema monetário, afirma o Anarquista, livre-se do controle do governo centralizado, e o que acontecerá?”²³

Bia, Gus, Acácio e Lili:

Livre-se do sistema monetário, afirma o Anarquista, livre-se do controle do governo centralizado, e o que acontecerá?

Cena 5. Existimos: X, Y, Z e...

Ricardo:

“Não existimos, a menos que estejamos profunda e sensualmente em contato com o que pode ser tocado, mas não conhecido.”²⁴

Vitor:

“O criminoso é sempre um juiz solitário; em virtude de sua solidão o compreendemos.”²⁵

Flávia:

“Se julgar é tão repugnante, não é porque tudo se equivale, mas ao contrário porque tudo o que vale só pode se fazer e se distinguir desafiando o juízo.”²⁶

Ricardo:

“Como pode um prisioneiro escapar a não ser atravessando o muro à força?”²⁷

estamos todos presos. estamos?

Cena 6. Uma receita dos nossos dias

Lili:

Escolha um tipo: moderno, conservador, *eclético* (o mais indicado).

Flávia:

Procure em revistas e guias, ou na internet as opções de roupas, músicas, gírias, etc., indicadas para o seu tipo.

Ricardo:

Procure pessoas através de aplicativos de relacionamentos que correspondam ao seu tipo.

Gus:

Não se preocupe, você pode escolher mais de um tipo, se quiser.

Bia:

Se o que você prefere não corresponde aos valores adequados de comportamentos aos quais está habituado,

Gus:

você pode criar inúmeros perfis.

Vitor:

Procure um médico, psicólogo, psicanalista e coloque suas aflições.

Gus:

Se não for suficiente, ele lhe indicará um psiquiatra que poderá prescrever-lhe remédios que ajudarão no seu auto-controle.

Flávia:

Para alguns desvios mais leves de sua personalidade, existe a possibilidade de projetá-los na web.

Lili:

A internet é um meio seguro para você e para os outros que te circundam, mas cuidado com os monitoramentos.

Flávia:

Espere, a sua vida com qualidade só estará completa se também for altruísta:

Gus:

é preciso policiar os outros, e ajudá-los através de denúncias às instituições que possam cuidar destes desviados graves:

Flávia:

o direito é para criminalizar condutas, produzir penas e prisões.

Lili:

Agora é só abrir o casaco, apertar o botão, e... Bum!

Cena 8. No ônibus

Acácio:

Mãe, olha o rato!

Bia:

A cidade está cheia de ratos e pombas. Olha, ele faz o ninho ali. Gostou do almoço? Responde, responde.

Acácio:

Gostei.

Bia:

Ainda bem que não tem mais a internação, senão você não poderia mais experimentar os quitutes que faço para você.

Acácio:

Sorte sua. Azar meu.

estamos todos presos. estamos?

Bia:

Eu detesto andar de ônibus. Pensa que é fácil tomar os remedinhos — não é assim que fala? — e ficar rodando nessa bosta de coletivo! Com esse monte de gente parda e fedida!

Acácio:

Mãe, por favor!

Bia:

Por favor? Você me põe nesse coletivo e quer o quê, que eu fique quieta, olhando pela janelinha, vendo a tevezinha, apreciando esse bando de cretinos com crachás pendurados no pescoço e com a cara enfiada no celular? Esses empregadinhos que se matam para pagar prestação? Eu não nasci para andar de ônibus.

Gus:

Pede para sua mãe falar baixo... ninguém tem obrigação de ficar aturando... Falta muito para chegar no hospital, e ela, hoje, começou cedo a confusão.

Vitor:

Cobrador... na humildade, posso passar por baixo? 'Tô sem bilhete.

Gus:

Por mim até podia, mas assim você compromete o meu emprego. Sabia que tem câmara, fora os fiscais que você nunca sabe quem é?

Vitor:

Não tem nada aí. Você acha que eles iam colocar uma câmara em cada ônibus... e fiscal anda com crachá.

Bia:

Deixa o menino passar.

Gus:

Não se mete. Se 'tá com pena desses vagabundos, paga a senhora.

Vitor:

Vagabundo não. 'Tô conversando... esqueci o bilhete. Pego esse ônibus todo dia, você me conhece.

Gus:

E daí. Cada vez que você pega tem que pagar, esse é meu trabalho... Senão vira festa. Não te conheço nada.

Lucia:

Deixa que eu pago para o menino.

Bia:

Não tem dinheiro para pagar o ônibus, mas tem dinheiro para comprar droga, né?

Lucia:

A senhora não pode falar assim. Hoje é ele, amanhã pode ser o seu filho.

Bia:

Olha a cara do safado... Conseguiu, né?

Acácio:

Mãe...

Bia:

Depois eu que sou louca!

Vitor:

Obrigado, senhora. E a senhora não tem o direito de falar assim comigo.

Gus:

Cala boca. Você já conseguiu a passagem. Senta lá no fundo e fica na moral.

estamos todos presos. estamos?

Salete:

Você viu no jornal?

Lili:

O quê?

Salete:

Os china.

Bia:

Os chineses, burra!

Salete:

Os caras trabalham tipo escravo, direto, para ganhar uma merreca.

Bia:

Ei, vocês aí! Nem leem jornal direito. Burras!

Lili:

Que falta de educação falar assim...

Salete:

Ninguém 'tá falando com a senhora.

Bia:

É burra, sim. Vou ensinar. Eu era professora. E você aí, menino, presta atenção para ver se aprende alguma coisa.

Gus:

Lá vem discurso...

Acácio:

Mãeee...

Bia:

Quando era só comunismo todo mundo trabalhava para o Governo. Agora, eles trabalham também para os donos das

empresas, os capitalistas. Não são escravos, não. Escravos foram os negros no Brasil;

Lili:

É a sua opinião!

Bia:

escravo não ganha salário, mesmo que seja uma merreca como falou essa aí. Nem você é escrava... Nem esse aí que estava encrencando com o menino. É tudo trabalhador. Vão todos enlouquecer como eu, que tive que aturar...

Acácio:

Mãe!

Bia:

Tá bom. Vou voltar a olhar pela janelinha, pra telinha ali na frente... Empresta o celular!

Salete:

Que falta de respeito. Você tem que trabalhar, vai com toda boa vontade para o emprego — que ‘tá tão difícil hoje em dia — e tem que ficar ouvindo isso. Pelo menos, não tenho que pagar mais dois ônibus, com bilhete único, eu pago um só e pego três, graças à boa vontade de alguns políticos que ainda pensam na gente que mora longe.

Lili:

Essa aí deve ser daquelas que ganha bilhete da prefeitura e ainda cospe no prato que come, ou é terceira idade...

Gus:

Essa louca é um saco. Toda semana ela vai no posto de louco perto do ponto final e fica perturbando meus passageiros.

Salete:

Nossa, não é lá que tem a escola de inglês que você faz?

estamos todos presos. estamos?

Lili:

É sim. O professor na última aula disse que a minha pronúncia é ótima.

Saete:

É?

Lili:

Quer ver? I think!

Bia:

Burra, mas fala inglês!

Gus:

Essa louca é um saco!

Lucia:

Tenha respeito pela doença dos outros... Você nunca sabe o que Deus reserva para você e seus familiares.

Bia:

Eu não acredito que essa aí é crente... era só o que faltava. Responde para mim, o que você fazia antes de virar crente? Por um acaso você tem o marido ou o filho na cadeia?

Lucia:

A senhora não tem nada com a minha vida. A boa nova do Senhor vem, quase sempre, pelo sofrimento, seu ou de seus parentes. Jesus poderia tirar essa chaga da senhora, se a senhora ouvisse a palavra do Senhor.

Bia:

Jesus é da Disney. Sabe o que ele acabou de me falar no ouvido? Ih, nem vou contar!

Gus:

Se não parar com essa feira, eu peço para o motorista parar é na delegacia.

Ricardo:

Não precisa parar não. Isso aqui é um lugar público, quem põe ordem, se precisar, sou eu. Aqui é da lei, eu sou da lei.

Bia:

Mostra os documentos!

Ricardo:

A senhora é muito abusada.

Bia:

Não. Não sou abusada, sou louca! Pode perguntar para os psiquiatras. Vai querer me prender? Saiba que estou interditada. Eu sou a louca, não posso ser presa, só tenho que ir nesse lugar toda semana para ser medicada.

Vitor:

“A loucura enuncia verdades insuportáveis”.

Bia:

Quem aqui dentro não toma remédio, não está medicalizado, para suportar esse mundo de merda! Essa vida vazia! Essas crianças murchas por dentro, e quase viçosas por fora. Essas operárias conformistas. Esses trabalhadores obedientes. Esses estudantes quase espertos e servis, que baixam a cabeça até para esse aí. Esse mundo cheio de polícia, televisão e celulares. Essas pessoas como eu.

Vitor:

Tudo bem. ‘Tô cumprindo a medida, mas ‘tô na rua. Tenho que ir para escola senão volto para internação. Não sei o que é pior, lá ou aqui. Lá, se não são os monitores e os polícias, são os caras do partido que ficam dizendo o que tenho que fazer; aqui, até o cobrador e essa louca dizem o que eu sou e o que eu tenho que fazer; parecem a psicóloga lá do projeto.

Lili:

Meu irmão era igual ele.

estamos todos presos. estamos?

Lucia:

Jesus! Só por Deus, glória ao Pai. É mesmo o fim dos tempos.

Bia:

E ainda assim, a louca sou eu... por favor, não vai chegar logo essa coisa... prefiro meu remédio.

Vitor:

É um assalto, passa a grana. Se todo mundo colaborar, ninguém sai machucado. Vamos velha bota o dinheiro aqui, e você *bambi*, quietinho. É isso mesmo, vai tudo mundo jogando a carteira, celulares e os pertences aqui na sacola... Anda, carola fingida, joga carteira e bagulhos aqui; vocês duas bacaninhas também...

Lili:

Mas eu acabei de tirar vale, estou com o dinheiro para pagar contas...

Vitor:

Você é lindinha, um dia eu desenrolo a sua língua, mas, agora, bote os bagulhos aqui dentro...

Gus:

Motorista toca, toca...

Vitor:

Não toca nada. E você, não disfarça não, pode esvaziar o caixa aqui e quietinho.

Gus:

Motorista, não toca não!

Bia:

Que pena que não tem mais outdoors na cidade.

Acácio:

Mãe, fica quieta.

Vitor:

Eu não aguento mais. Nem a minha casa, a escola, a medida, esse bairro de merda e todas essas pessoas que são as mesmas desde que eu nasci, desde sempre. Esse bairro, esses colegas meio bandido meio polícia, meio solução meio problema, só o meio sem recheio e eu no meio dessa merda! Ninguém me salva, ninguém me tira daqui. Nem eu quero me salvar. Fico entre viver pouco como um rei ou muito como um Zé. Todo otário é capaz de escrever um verso inesquecível: “Estamos todos presos!”

Todos:

Estamos?

Flávia:

“Tentaram me reduzir a pó e não me reduziram, aqui estou eu com a minha corda e com a minha consciência, íntegro e íntegro, fora do alcance de suas armas de longo alcance, de suas experiências homicidas e suicidas, fora do seu sistema solar ou de qualquer outro sistema — eu o rebelde, o rebelado, mesmo que apenas um desertor: o desertor no deserto. (...) Mesmo morto continuarei dando meu testemunho de morte. Esta chuva imóvel serei eu que estarei cuspiendo.”²⁸

Bia:

... essa vida vazia! Essas crianças murchas por dentro, e quase viçosas por fora. Essas operárias conformistas. Esses trabalhadores obedientes. Esses estudantes quase espertos e servis, que baixam a cabeça até para esse aí. Esse mundo cheio de polícia, televisão e celulares. Essas pessoas como eu.

Vitor:

Tudo bem. Tudo bem, nada. Tudo bem? É só o que eu ouço. Como posso estar bem? Como? É só surra. Em casa as coisas só funcionavam na cinta. Ardia! Depois começaram murros na cabeça, chutes onde pegava... Depois cresci e metem o pau. E batem de pau. E você acha que eu vou

estamos todos presos. estamos?

revidar contra minha mãe e meu pai? Aí vou para a escola. E tome! Porque sou o mais novo, o mais quieto, nem preciso ser fraco, porque me atacam em bando. Porque não me suportam. E porque não me suportam? Eu não vou contar.

Flávia:

“Essa é a lógica do delírio. Tudo acontece no presente, e há quem chegue a matar para sair desse tempo absoluto e recuperar uma temporalidade normalizada, o crime é uma consequência lógica do pesadelo do presente, do peso da paixão.”²⁹

Salete:

Toda vez que eu vejo uma coisa como essa eu me lembro de como foi difícil compreender a morte de minha irmã. Eu não sei por quê. Minha mãe era calma. Meu pai era calmo. Eu sou calma e tranquila, você sabe! Um dia, de repente, minha irmã apareceu chorando e sem um dente, a boca cheia de sangue. E eu perguntei o que tinha acontecido. Ela virou o rosto e foi lavar a boca.

Lili:

O que tem isso a ver com a morte de sua irmã?

Salete:

Noutro dia ela estava chutando todas as portas de casa. Meus pais tinham saído pra igreja. Tentei conversar. Não deu.

Lili:

Ela era louca?

Salete:

Pior que não. Mas às vezes, dava esse negócio e ela chutava, chorava, gritava... mas, sempre passava. Minha mãe orava. Meu pai saía de perto.

Lili:

E aí?

Salete:

Um dia, voltamos da igreja e ela começou a ter isso de novo... Minha mãe não aguentou. Sacudiu ela e pegou no pescoço. Minha mãe estava com uma cara estranha, não parecia ela. Mas ela continuou apertando e gemendo, e minha irmã não gritava; só com aqueles olhos esbugalhados. Meu pai olhava e virava a cara. Eu vi que ela ficou mole e comecei a berrar: larga dela, larga dela! Meu pai me deu um tapa e mandou eu calar a boca para sempre...

Lili:

Desculpe Sandra Cecília, mas eu vou descer... Pare esse ônibus... Não tem conversa, pare que eu vou descer.

Gus:

Motor abre a porta!

Vitor:

Quando aconteceu, eu achei que nunca mais eu ia andar nisso. Foi uma surpresa. Apareceram umas pessoas na escola, dizendo que eram de um lugar de não sei onde nem por que. Só sei que eles diziam que traziam uma oportunidade por um concurso de história de vida da gente, da gente desse lugar, da periferia, da comunidade. A melhor história ganhava um prêmio e um curso que ia virar um trabalho. Desses de escrever e de assistência. Eu ganhei. Fiz o curso direitinho, mas eles não gostavam muito de mim, do meu jeito; acho que duvidavam que eu tinha escrito a redação. Trabalhei uns meses lá. Acabou.

Ricardo:

Você tem que ser esperto. Quando eu tinha sua idade era a mesma coisa. Ficava andando por aí, sempre me metendo em encrencas. Fumava com uma turma daqui, cheirava por ali... Quando eu não tinha pó, ia cola mesmo. Foi quando começou a rolar pedrinhas... Pirei! Era naquilo todo dia. Não pensava em outra coisa. A loucura aumentou e a confusão também. Aí dei um jeito. Conheci um cara, tipo eu com você aqui, que me apresentou um lance legal. Bom... Entrei pra

estamos todos presos. estamos?

polícia. Agora, 'tô te dando a mesma oportunidade. Topa? Vamos até ali, a gente fuma um e eu te conto como fazer... Você tem que aprender a se cuidar, cuidar de você.

(sobe uma *periguete*, assim que eles descem do ônibus)

Salete:

Quer sentar?

Lili:

Não, obrigada.

Salete:

Eu nem ligo muito pra essa louca. Nem ligo mesmo. Mesmo. Minha mãe foi parar num lugar pior. No Manicômio. Dali não se sai mais. Ninguém visita. É lugar de morto-vivo. É o lugar merecido pra minha mãe.

Lucia:

Como chama este tipo de crime?

Flávia:

Não consta nem no Código Penal: inominável!

Salete (para a *periguete*):

Não quer sentar?

Gus:

Todo dia a mesma coisa. Todo dia a mesma gente. Ainda chego em casa e tenho que aturar minha esposa reclamando das crianças, das contas, da comunidade, da vizinha, do conselho... como ela não encontra emprego nem de doméstica. Ela era linda, a mais linda; toda noite de sábado no baile. Linda, rebolando. Perfeita. Gostava tanto... Fica em casa o dia inteiro. As crianças enchem o saco. Feias e sujando. E meto a comida ruim pelos olhos, a cara na tv, mexo um pouco no celular e durmo. Não penso em nada, porque se tiver que pensar como agora, mato todos,

esquartejo, meto fogo, lavo a casa e a cara, e durmo em paz.
Definitivamente.

Acácio:

Oi, tudo bem?

Lili:

Tudo bem. Tudo bem nada. Agora 'tô com um cara e até dá pra viver. Também, se não for ele, eu me arrumo com coisa parecida. Tudo é parecido. Mas eu sei que se não rolar uma sorte, eu embucho de um deles e aí começa a descida pro inferno. Cuidar de casa e ficar seca ou gorda é a melhor das histórias. E vai até a prisão, com filho pendurado, colega pra arranjar namorado, um tanto de comida e uma trepada na visita íntima. Antes, as porcas passam as mãos no meu corpo e eu cagando de medo com o bagulho pra pagar o serviço encomendado. Ou, então, virar funcionária de malandro, pegar cana escondendo bagulho dos outros e sem saber quando vão me pegar em casa ou uma bala, vindo sei lá de onde, vai me atravessar.

Ricardo:

Mãe, olha um rato!

Cena 11. O incomum, o estranho

Flávia:

“A política na sociedade de controle permanece sendo a guerra prolongada por outros meios: diplomática, racista, terrorista, macabra. E neste medonho festim de sorrisos e de ameaças as pessoas despovoadas de si se conformam com democracia, participação, voto, ongs, televisão, software livre, aplicativos, redes sociais digitais, os independentes daqui e dali, partidos, centros de informática, educação para todos. Sociedade de controle é para todos; é para integração.

Gus:

Não suporta os rebeldes, porque [nós] desestabilizam[os] até revoluções.

estamos todos presos. estamos?

Flávia:

Os rebeldes não aceitam acomodações em seu interior, nem se consolam com utopias ou votos válidos, brancos ou nulos. São artistas da vida, amigos das experimentações de liberdade, não se amedrontam diante de ameaças. Resistem.

Gus:

Na era da comunicação instantânea e dos efêmeros, repare no rebelde que se aproxima, agora, de perto, quase imperceptível, invisível.

Flávia:

... quase imperceptível, invisível. Vírus?

Todos:

Tuiiiiiiiiiimmm

Flávia:

MÁQUINAS DE GUERRA!³⁰

FIM

Notas

¹ Aula-teatro 23 do Nu-Sol. Pesquisa realizada pelo Nu-Sol em 2008 (Cf. *verve* 15 <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/02/verve15.pdf>), com breves cortes e acréscimos. Produção gráfica: Andre Degenzajn. Preparação do coro: Marcia Lazzari (convidada). Operador de luz: Rafael Frydman (convidado). Coordenação: Edson Passetti. Com: Acácio Augusto, Beatriz Carneiro, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Lucia Soares, Ricardo Abussafy, Salete Oliveira e Vitor Osório.

² Julio Cortazar. *a volta ao dia em 80 mundos*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008, pp. 174-176.

- ³ Oscar Wilde. “A Balada do Cárcere de Reading”. Tradução de Paulo Vizioli. Disponível em: <http://www.casadobruco.com.br/poesia/o/oscar01.htm> (acesso em 28 de maio de 2018).
- ⁴ Alphonsus de Guimaraens. *Ismália*. São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- ⁵ Julian Back. “Transformar o ânimo” (1983). In *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 11, 2007, p. 10.
- ⁶ Ricardo Piglia. *Anos de formação: os diários de Emilio Renzi*. Tradução de Sergio Molina. São Paulo, Todavia, 2017, p. 53.
- ⁷ William da Silva Lima. *Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho*. Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes/ISER, 1991, pp. 12-13.
- ⁸ “Estatuto do Primeiro Comando da Capital”, artigos 16 e 7 in Josmar Jozino. *Cobras e lagartos*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2004, pp. 36-38.
- ⁹ Folha de S. Paulo, 14 de setembro de 2008, p. I-2.
- ¹⁰ Michel Foucault e Gilles Deleuze. “Os intelectuais e o poder”. Tradução de Luiz B. Orlandi. In David Lapoujad (org). *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo, Iluminuras, 2007, p. 268.
- ¹¹ Renaud Thomazo. *Mort aux bourgeois! Sur les traces de la bande à Bonnot*. Paris, Larousse, 2007, p. 104.
- ¹² Ricardo Piglia, op. cit., p. 65.
- ¹³ Cláudio Lavazzo. <http://flag.blackened.net/pdg/presos/paginapresos/claudio/contribuci%F3n.htm> (acesso em 2008, site hoje fora do ar). Tradução de Acácio Augusto.
- ¹⁴ Jean Maitron. “Émile Henry, o benjamim da anarquia”. In *Revista Verve*, São Paulo, Nu-Sol, 2005, vol. 7, p. 20.
- ¹⁵ Ricardo Piglia, op. cit., p. 291.
- ¹⁶ Idem, p. 303.
- ¹⁷ Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 351.
- ¹⁸ Alexander Berkman. *Prison Memoirs of an Anarchism* (originally published in 1912 by Mother Earth Publishing Association). Tradução de Beatriz Carneiro. New York, Shocken, 1970, parte I, capítulo VI, “A cadeia”, pp. 45-46.

estamos todos presos. estamos?

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem, parte II, capítulo III, “O Silêncio espectral”, pp. 120-121.

²¹ Emma Goldman. *Vivendo mi Vida*. Madrid, Fundación Anselmo Lorenzo, 1996, pp. 153-156.

²² Judith Malina. *Diário de Judith Malina: O Living Theatre em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais e Arquivo Público Mineiro, 2008.

²³ Judith Malina e Julian Beck. *Paradise now (1968)*. Criação coletiva do The Living Theatre. Tradução de André Degenszajn. New York, Vintage Books Edition, 1971, pp. 96-97.

²⁴ D.H. Lawrence. “Não-existência”. In William Blake & D.H. Lawrence. *Tudo o que vive é sagrado*. Seleção, tradução e ensaios de Mário Alves Coutinho. Belo Horizonte, Crisálida, 2001, p. 153.

²⁵ Rogério Duarte. *Tropicaos*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2003, p. 36.

²⁶ Gilles Deleuze. “Para dar um fim ao juízo”. In *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997, p. 153.

²⁷ Ricardo Piglia, op. cit., p. 323.

²⁸ Walter Campos de Carvalho. *A chuva imóvel*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008, p. 127.

²⁹ Ricardo Piglia, op. cit., p. 228.

³⁰ Edson Passetti. *Anarquismo urgente*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007, p. 120.

***we are all imprisoned. are we?*, Edson Passetti & Acácio Augusto.**

aula-teatro 23

11 e 12
junho/2018

19h30

tucarena

[retirada de ingressos às 18h30]



**estamos
todos
presos.**

estamos?

programa de estudos pós-graduados
em ciências sociais - puc/sp



nu-sol